



Grupo de atores do campo de educação discute possíveis futuros para Educação Básica do Brasil

Cenários incluídos no documento são histórias que descrevem possíveis caminhos rumo ao futuro e que nos ajudam a falar e pensar sobre nossa realidade. Cenários não são previsões, cenários não são propostas.

A **Equipe de Cenários**, um **grupo de 41 pessoas** vinculadas a diferentes instituições públicas e privadas, organizações, redes e movimentos da sociedade civil lançou nesta quinta-feira (20/08) os **Cenários Transformadores para a Educação Básica** – conjunto de quatro possíveis futuros para a Educação Básica brasileira em 2032 – produzidos a partir de uma **metodologia inovadora do Reos Partners**, aplicada há 20 anos em diversos países como, por exemplo, na transição do apartheid na África do Sul, em conflitos na Colômbia, no pós-guerra civil na Guatemala e na questão das drogas nas Américas.

Dividido em **quatro cenários distintos**, seu objetivo final não foi, explicitamente, a construção negociada de um pacto ou de uma agenda de ações comuns entre os participantes, apesar das bases para sua elaboração foram o **direito universal à educação**, mas sim criar um conjunto de possibilidades, baseadas na experiência dos envolvidos.

Detalhes do projeto podem ser encontrados também no **site** www.cenarioseducacao2032.org.br, também lançado durante o evento.

De acordo com **Denise Carreira**, coordenadora da área de Educação da Ação Educativa, essa iniciativa deve ser tratada

como o **ponto de partida para muitas outras conversas** e para ampliar as rodas de debates públicos sobre educação. “Essa experiência também é uma forma de promover o enfrentamento ao racismo social que encontramos hoje nas instituições de ensino”, explica. “O Brasil é um país plural, nitidamente com um forte abismo social, e é preciso que se alcance o direito pleno à educação”, completa.

Já para **Maria Lucia Meirelles Reis**, diretora e sócia-fundadora do movimento Todos pela Educação, o projeto é um **exercício de reflexão** para percebermos o que pode acontecer no futuro e qual será a participação da sociedade dentro desse processo. “As sementes para cada cenário estão plantadas, aqui, no presente. Quais irão vingar só depende de nós”, afirma. **A construção dos cenários** contou com um **grupo de 41 pessoas**, a Equipe de Cenários. Outras 30 pessoas foram entrevistadas e participaram com várias ideias.

O **Grupo Convocador** do projeto é formado pela Ação Educativa, Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, Instituto Reos, Todos Pela Educação e União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime).

Os cenários foram apresentados por **Daniel Cara** (coordenador-geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação e membro do Fórum Nacional de Educação), **Anna Penido** (diretora-executiva do Instituto Inspirare), **Andre Degenszajn** (secretário-geral do GIFE) e **André Lázaro** (ex-secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECADI/MEC), seguido por um diálogo.

Cenários

Canário-da-Terra

O sistema educacional passa por mudanças importantes e quase todas as metas do Plano Nacional de Educação (PNE) são cumpridas, graças à atuação do Estado, que é cobrado e pressionado pela sociedade civil. Essa interação contribui para avanços na educação pública.

A cultura de descontinuidade das políticas educacionais é

rompida. O Estado tem um papel fundamental e estratégico na garantia do direito à educação, e a concepção de educação é ancorada nas políticas públicas oficiais e formais, pautadas nas leis e construídas e negociadas com a participação da sociedade civil.

Ainda que o Estado seja o responsável pela oferta da educação, há espaço para outras iniciativas, mas são estabelecidos parâmetros claros para determinar a relação entre o público e o privado, considerando a regulação da iniciativa privada. Isso ocorre porque a sociedade exige a priorização da educação: há uma participação e um controle social forte das políticas públicas. A gestão da escola é democrática e os planos de educação são construídos, acompanhados, monitorados e aperfeiçoados de forma participativa, por meio dos fóruns de educação e das conferências.

A escola, em formato tradicional, mas com algumas experiências inovadoras, tem a função de democratizar o acesso ao conhecimento e garantir a apropriação da cultura. As desigualdades educacionais diminuem sensivelmente, mas não há uma superação da discriminação e do preconceito no cotidiano escolar e nas políticas educacionais. A melhora da qualidade da escola pública aumenta a matrícula da classe média nos estabelecimentos construídos e mantidos pelo Estado.

O **canário-da-terra** é o símbolo desse cenário. Ele está em todas as partes do Brasil, esteve ameaçado de extinção, mas está retomando seu terreno. Acostumado a viver em bandos, preocupa-se com o coletivo, tem espírito de luta ao brigar por espaço, é territorial e possui uma técnica eficiente de alimentação, não dispersora de sementes.

Beija-Flor

Reformas profundas estão sendo realizadas, com base em experiências bem-sucedidas no país e no exterior, motivadas por mudanças sociais, tecnológicas e ambientais. A renovação da educação parte de experiências desenvolvidas por escolas públicas, organizações e movimentos sociais.

Há um estímulo à inovação educacional por meio de políticas públicas estatais e não estatais, que abrem espaço para uma educação menos tradicionalmente escolarizada. O Estado é

fomentador e indutor, garante as condições do padrão de qualidade previsto na legislação educacional e estimula as escolas a desenvolverem experimentações e a relação com as comunidades.

Existe uma pluralidade de arranjos na relação público-privada que privilegia o não lucrativo. Porém, há uma tensão pautada pela necessidade de forte regulação e permanente controle social para que interesses privados contrários aos interesses públicos não dominem as escolas públicas – de empresariais a grupos religiosos fundamentalistas. Há um estímulo à participação e ao controle social, mas ainda com desafios para que tal participação influencie as políticas nacionais.

A diversidade é valorizada, mas muitas vezes não se abordam devidamente os conflitos envolvidos na superação de desigualdades, discriminações e privilégios. Convive-se com uma pluralidade de modelos, como redes e comunidades de aprendizagem, territórios de cooperação, cidades-escola e experiências de educação popular. Tal pluralidade se alimenta intensamente da relação com as tecnologias.

Apesar de estar ancorada na legislação nacional da educação, a multiplicidade de experiências é tensionada pelo risco da fragmentação, pela dificuldade de gerar avanços em escala e pelo acirramento das desigualdades entre escolas. A concepção de educação é pautada por princípios como equidade, justiça social e promoção da sustentabilidade socioambiental. A escola tem a função social de formar sujeitos de mudanças cotidianas e globais, fortalecendo a relação com os territórios, em uma perspectiva intersetorial e de trabalho em rede.

O **beija-flor** é o símbolo desse cenário. Ele tem uma beleza intensa que transcende a racionalidade mais imediata. É um dos principais agentes polinizadores de várias plantas e explora até mesmo flores de plantas rasteiras, voando muito baixo para tal. É territorial e vocaliza o tempo todo, desde o amanhecer até o pôr do sol.

Falcão-peregrino

A influência da visão empresarial se consolida, com um aumento

significativo do repasse de recursos públicos para instituições privadas (lucrativas e não lucrativas) de ensino, por meio de convênios, parcerias público-privadas e distribuição de bolsas de estudo.

O Estado mantém o papel de provedor, regulador, avaliador e financiador, mas abre mão de ser o principal executor das políticas e de se responsabilizar pela oferta educacional. A educação é voltada para a formação de capital humano: mão de obra qualificada e especializada para trabalhar no mercado, e o foco é a proficiência, medida por avaliações externas padronizadas de larga escala.

Existem avanços no atendimento quantitativo, mas pouco no qualitativo. Há um currículo único e os materiais educacionais são padronizados. O modelo de gestão é por resultados e por desempenho dos alunos, e o ranqueamento é um conceito forte nesse cenário.

Há um enfraquecimento do sistema de participação social. Ele se limita à liberdade de escolha da escola e à exigência pelo serviço: a família e o aluno são tratados como clientes. Há uma resistência empreendida por sindicatos, movimentos sociais, movimentos juvenis e articulações de rede, porém ela é reprimida na opinião pública.

A desigualdade diminui para alguns indivíduos e grupos que conseguem romper o ciclo de desigualdade via competição ou mérito. Há investimento nos alunos com melhor desempenho, mas a desigualdade estrutural permanece, podendo crescer. Para os profissionais de educação, a remuneração é variável, com bônus e premiações. A matrícula no setor privado por meio de subsídios e bolsas é ampliada.

O **falcão-peregrino** é o símbolo desse cenário. Atualmente, ele é considerado a ave mais veloz do mundo, podendo atingir cerca de 320 km/h. Não é uma espécie ameaçada de extinção, mas é rara em toda a sua grande área de distribuição. É um caçador solitário que ataca outras aves, em geral pombos ou pequenos pássaros, e que possui bicos afiados e garras poderosas adaptadas à captura de presas. Não obstante, também pode ser vítima de outras aves de rapina, dependendo do porte.

Tico-Tico

A lógica em voga é o desenvolvimentismo econômico. Ao estimular o consumo como a principal força social agregadora, o Estado consegue promover uma sensação de melhoria no dia a dia das pessoas, mas havendo grandes impactos sociais e ambientais.

O resultado é a fragmentação das agendas e da atuação dos movimentos sociais e dos atores políticos e sociais. Há um descontentamento com o serviço público ofertado, que não é capaz de garantir a pauta da qualidade dos direitos. O Estado tem presença, principalmente com a manutenção das políticas sociais compensatórias, e busca a universalização do direito à educação.

Contudo, faz isso com baixa vontade política para enfrentar as desigualdades estruturais, o que reproduz padrões desiguais de qualidade. Ele também tem o papel de expandir o acesso e – quando muito – avaliar a educação, porém não consegue ser regulador e tampouco garantir o essencial.

Predomina a concepção de escola formal, posta na legislação, com quase nenhuma inovação. A preocupação primordial é a inserção no mercado de trabalho. Há pouca motivação da juventude em relação à concepção educacional em voga, que não sofre grandes alterações.

A escola busca ser para todos, mas a qualidade é para poucos. Existe inclusão precária de alguns e exclusão de outros. É uma educação massificada e pouco eficaz, que tenta considerar as diversidades, porém de forma periférica. Existe um aumento da violência, uma influência religiosa conservadora e um questionamento da educação laica.

Há, também, uma gestão com ênfase em resultados, combinada com uma institucionalidade participativa, mas com baixa efetividade nas tomadas de decisão. A relação público-privada se estabelece como parceria na oferta de matrículas, na cultura da gestão e venda/oferta de soluções como sistemas de ensino, serviços, livros didáticos e oferta de tecnologias sociais, porém enfrenta resistências. As contradições e impasses nesse cenário dificultam a concretização das mudanças necessárias para que as políticas educacionais continuem avançando.

O **tico-tico** é o símbolo desse cenário. Ele é abundante em regiões de clima temperado e também em cumes altos expostos a ventos frios e fortes. Vive em casais isolados e o macho ataca tico-ticos vizinhos que invadam seu território. Tem uma técnica de esgravatar alimento no solo por meio de pequenos pulos, "ciscando sem sair do lugar". Pula até quatro vezes consecutivas sem alterar a posição das pernas e esgravata o chão com ambas as patas sincronizadamente, jogando para trás o material impeditivo.

Sobre o Instituto Reos

O Instituto Reos é uma associação sem fins lucrativos, fundada em julho de 2013 com o objetivo de contribuir ativamente para o diálogo aprofundado sobre desafios sociais complexos no Brasil.

Trabalhamos em parceria com diversos setores do campo social e político - organizações da sociedade civil, empresas, entes públicos, agências internacionais -, contribuindo para que equipes de diversos *stakeholders* trabalhem juntos para avançarem nos problemas sociais mais complexos.

O Instituto Reos está ligado à Reos Partners, um grupo global de atores, com escritórios localizados em Cambridge (Massachusetts), Haia, Johannesburg, Melbourne, Montreal, Oxford, São Francisco, São Paulo e Sydney.

Grupo Convocador

Ação Educativa, Campanha Nacional pelo Direito à Educação, CONSED, GIFE, Instituto Reos, Todos Pela Educação e UNDIME

Financiadores

Instituto C&A, Fundação Telefônica Vivo, Fundação Itaú Social, Instituto Unibanco, e Ação Educativa.

Informações à imprensa

Leonardo Calvano
Tel.: 11 96587-1771

e-mail: leocalvano@gmail.com

Christel Scholten

Tel.: 11 4553 0964 ou 11 98202 1438

e-mail: scholten@reospartners.com